

O CONSUMISMO E A ANTROPOFAGIA

Regina C. Pacheco *

"Preste atenção: o que a propaganda queria é que a Gina consumisse os discos, aquele tipo de música, a voz, o jeito de cantar de Roberto Carlos. Queria que ela consumisse também ingressos para os shows dele, o tipo de roupa que ele usava, além, claro, de consumir os produtos que patrocinavam tudo aquilo. A Gina, porém, foi mais longe. Talvez os promotores desse tipo de consumo não tenham previsto isso. A Gina, para satisfazer seu apetite viciado e pervertido, passou a necessitar consumir a pessoa do Roberto Carlos. Consumo sexual e afetivo, a tal antropologia mais ou menos simbólica de que te falava". (p. 273).

É através do Dr. Carlos que o autor nos dá a razão do título aparentemente apelativo do novo romance de Roberto Freire ("Cléo e Daniel", "Travesti", "Viva eu viva tu, viva o rabo do Tatu"), um romance de temática absolutamente inédita, ao menos no Brasil: A MULHER QUE DEVOROU "ROBERTO CARLOS", Edições Símbolo, São Paulo, 1980, 320 p.

No prólogo, Freire se confessa obsessivamente perseguido por Gina, sua personagem central, há mais de vinte anos: ela já aparece em uma peça sua de 1957, só que aí o objeto de sua paixão é Marlon Brando. Mais tarde, em pleno apogeu da Jovem Guarda, Freire fez duas reportagens sobre Roberto Carlos. E, tanto quanto o jornalista e escritor, o psiquiatra que é deve ter-se visto ainda mais interessado pela idolatria doente, anormal, que chega ao cúmulo de mutilar-se para enviar pedaços da própria pele ao objeto dessa sua paixão. E é à união desses dois objetos de estudo que Freire partiu para a criação de um dos romances mais interessantes dos últimos anos.

Roberto Carlos, na verdade é apenas um símbolo, e pouco aparece. Quando o faz, em meio a fâs descontroladas, é a um homem assustado que vemos: será que consegue compreender a extensão do fenômeno que personifica? Mas é Gina quem domina totalmente o romance e as personagens masculinas, que não resistem à sua atração sexual, irresistível porque eternamente exacerbada, já que é impossível de satisfazer.

E às três personagens masculinas que aparecem — Luís, Antônio, Léo — Gina se lança com todo o desespero desse seu apetite “viciado e pervertido”, a quem domina apenas pelo sexo. “Cuidado, sua virilidade pode ser consumida, as vaginas histéricas são antropófagas” — dizem a Léo os psiquiatras da prisão.

A MULHER QUE DEVOROU “ROBERTO CARLOS” é um livro bem estruturado, com o tempo e o foco narrativo montados estrategicamente de modo a aumentar cada vez mais o suspense da ação e a necessidade de solver o mistério das causas que levaram Gina ao assassinato e à loucura. Não é, no entanto, um romance sem falhas.

A principal é que, apesar do recurso de se utilizar de personagens médicas para esclarecer comportamentos e elaborações de Gina, assim mesmo há momentos em que o psiquiatra não resiste e se intromete a nos explicar os outros personagens. Exemplos: “Antonio não se deu conta de que conseguira liberar apenas a primeira parte da experiência vivida com Gina no sinaleiro. Realizara a façanha de readquirir apenas o que tinha sido amor e prazer, deixando ainda bloqueado o que fora dor e humilhação”. (p. 130) “(...) devolveram Luís ao inconsciente”. (p. 283).

Essas interferências, apesar de um tanto irritantes, já que põem em dúvida nossa capacidade de alcançar tais explicações por nossos próprios meios, não tiram nada do valor do romance, que nos fascina, nos assusta, nos desnuda, nos excita, nos enoja. E, principalmente, a nós também mergulhados em uma sociedade de consumo que nos massacra por todos os meios possíveis, nos manda um sinal de alerta. E nos faz parar para pensar.

* Professora de Português na UFSC.